

2022 © Coca Trevisan | Memorabilia Store

Título: Violências Culturais

Autor: Coca Trevisan

Capa e desenho gráfico: Giovani Faganello e Márcio Grings

Fotografias: Andrew Haimerl

Diagramação do miolo: Paulo Teixeira e Giovani Faganello

Revisão de texto: Diomar Konrad

Conselho Editorial: Ronaldo Lippold e Márcio Grings

Revisão de Estilo e Supervisão Editorial: Márcio Grings

1ª edição: Março de 2022

Impressão e acabamento: Gráfica Pallotti

Editoração: Memorabilia Books (memorabiliastore.com.br)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Trevisan, Coca

Violências culturais / Coca Trevisan. -- Santa Maria, RS :
Grings - Memorabilia e Tours, 2022.

ISBN 978-65-84777-00-2

1. Cultura 2. Filosofia 3. Sociedade
I. Título.

22-102842

CDD-100

Índices para catálogo sistemático:

1. Filosofia 100

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos autorais pertencem a Coca Trevisan.
Este livro não poderá ser copiado de nenhuma forma,
maneira ou método, impresso ou eletrônico, em sua
parte ou em seu todo, sob quaisquer pretextos, sem au-
torização legal ou por escrito do autor.

Autor: cocatrevisan@gmail.com

Editora: sac.memorabilia@gmail.com

Acervo: memorabiliastore.com.br

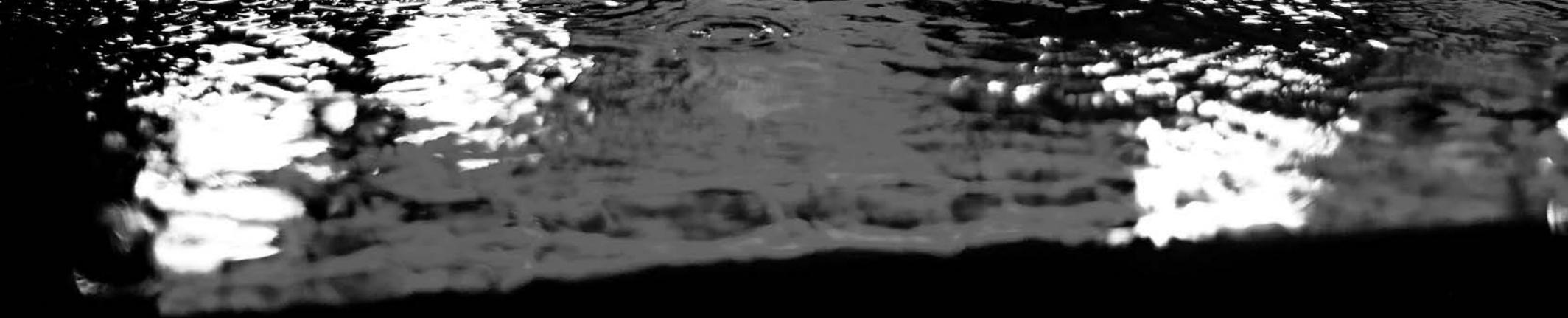
Visite nossa loja



VIOLÊNCIAS CULTURAIS

Coca Trevisan





SEM ARTE NÃO HÁ VIDA.....	7
A ILUSÃO DERRADEIRA.....	11
ADWA, VITÓRIA AFRICANA.....	15
AS SOMBRAS NOIR.....	19
CONVERSANDO COM ELE.....	23
DEIXAR DE DESEJAR.....	27
E AS GRANDES CIDADES.....	31
FORÇAS AÉREAS INVISÍVEIS.....	35
OPS, ESCURO!.....	39
OS AMIGOS DO COVEIRO.....	43
OS BECOS DE ARIADNE.....	47
OS LOUCOS DE LAMEGO.....	51
PEQUENAS BELEZAS.....	55
RELÍQUIAS.....	59
SABEDORIAS RENOVADAS.....	63
SOTERIA.....	67
SUPÉRFLUOS E RIDÍCULOS.....	71
TABULEIROS LATINOS.....	75
TEMPO PERDIDO.....	79
TRATAMENTO LUDOVICO.....	83
ESCADARIA PARA O CÉU.....	87
EU VOU ME ADAPTAR.....	91

CAIXÕES NO BORDEL.....	95
MONTANHAS DA MORTE.....	99
DECADÊNCIA DA MESMICE.....	103
SEMANA DE OITO DIAS.....	107
POLIFONIA DIABÓLICA.....	111
OLHOS SOBRENATURAIS.....	115
A ÚLTIMA PANELA.....	119
FLOR DAS ÁGUAS.....	123
AS CIVILIZAÇÕES DE DARCY RIBEIRO.....	129
MINHA VIDA MEDIEVAL.....	135
HUMANISMO DA MÍDIA.....	139
O VISIONÁRIO LIMA BARRETO.....	141
NÃO MATARÁS.....	147
LUTAR SEM BRIGAR.....	151
CLAMOR DO DESERTO.....	155
O FANTASMA INDIGNADO.....	159
INTERPRETAÇÕES DA VIDA E MORTE.....	163
OS PEIXES DE SANTO ANTÔNIO.....	167
O PRESO. PRESO?.....	171
FÁBRICA DE MITOS.....	175
AS 365 NOITES.....	179
REPRESSÕES CULTURAIS.....	185

SEM ARTE NÃO HÁ VIDA

Em Violências Culturais Coca Trevisan resgata parte do material publicado em seu blog. Nestes textos – além de provocar uma imersão no pensamento vivo do nosso tempo – ele ainda nos instiga a redimensionar a força da arte como bússola humana. Visões que ele moldou vendo filmes, lendo livros, ouvindo música e decorando todos aqueles refrões que reverberam além das telas, toca-discos e das páginas dos clássicos literários – é disso que ele trata.

Inicialmente, Violências Culturais nasceu como uma ideia de compartilhamento e troca de figurinhas online, e, agora, faz um caminho inverso: sai da internet e vira papel, se corporifica no objeto livro.

Nos 41 textos selecionados para esta publicação, Coca destila seu humor ácido, revela preocupações sociais, políticas, questiona os rumos da sociedade atual

e propõe uma permanente reflexão. Contudo, ele estuda o existencialismo e os sentidos desse pensamento filosófico. Por outra via, como autor, ele se afasta do caminho acadêmico e nos aproxima da simplicidade de um bom texto: sua escrita vai direto ao ponto, sem rodeios ou piruetas desnecessárias. Coca Trevisan traz em sua estreia autoral o enfoque em primeira pessoa, não se colocando como dono na verdade.

Ele é um homem com opinião formada sobre aquilo que vê, sem ficar em cima do muro, sendo alguém que entende o produto cultural como um dos principais alimentos do cardápio de opções oferecido a cada um de nós. E, se assim como Coca Trevisan, você também vê o fazer artístico como algo sagrado em nosso cotidiano, então já sabe: sem a arte não há vida.

– Memorabilia

“Tempo, tempo, o que é o tempo? É fabricado na Suíça, os franceses acumulam, os italianos desperdiçam e para os americanos – tempo é dinheiro. Para os hindus, não existe. Você sabe o que eu acho? Que o tempo é uma trapaça.”

Julius O'Hara (Peter Lorre) em
“O Diabo Riu por Último” (1953),
filme dirigido por John Houston.



A ILUSÃO DERRADEIRA

Ah, como gostaria de conhecer a ilha de Thomas Moore; mas, se antes era difícil, agora ficou impossível. Vivemos em estradas opostas nas quais a hegemonia serve aos abastados. E as utopias se tornam... utopias. Acho até que sua extinção está ameaçada. Não acreditamos mais na política e duvidamos até do bem.

Conforme Francis Wolff, professor da École Normale Supérieure (Paris), não sabemos mais distinguir o bem do mal, lembrando as teorias de Nietzsche. E se nosso coletivo social está ficando defasado, consequência da descrença política, o individualismo recrudescer com naturalidade. A classe política, que deveria assumir seus reais objetivos, ou melhor, suas obrigações, não garante nosso bem-estar; longe disso. Não temos interações com eles: são dois mundos, não temos nenhuma cumplicidade. Wolff reforça a discussão dizendo que de fato, os direitos

humanos, na esteira, seguem conforme modelos infieis aos próprios e tornam-se nosso ideal, pois já perdemos a fé no ideal. Com esse descrédito político, os direitos humanos se enterram em cavernas profundas. É uma pena que não evoluímos como a biomédica, por exemplo, que aumentou nosso tempo na Terra; porém, nossos sofrimentos também tiveram acréscimos.

Os interesses políticos e econômicos arrasaram a ecologia – a ética e a moral não lhes dizem respeito – e ficamos sem orientações para saber para que lado fica a banda do Equador. A desilusão é devastadora e, apesar do meu otimismo, nossa classe política desanima o mundo racional. O coletivo não tem mais representatividade e nosso individualismo pede socorro. Ainda assim, o individualismo pode ser visto como alternativa em nossas ilusões. Talvez, a ilusão derradeira seja quando Wolff sinaliza um mundo cosmopolita no qual cidadãos possam ir e vir sem ser tratados como inimigos, também no estrangeiro, garantindo a paz internacional ou perseguindo essa condição. Individualismo, coletivismo ou uma sociedade cosmopolita confirmam nossas incertezas.

A ilusão global pode salvar nossas utopias? Não sei, pode ser, mas acho que o individualismo vai seguir dominando, não como utopia totalizante, mesmo porque a própria utopia é vista com irrealidade. Apesar dos pesares, Wolff ainda acredita numa paz universal; o pro-

blema são os “Trumps” da vida. Entre 1991 e 2016 foram criados 2700 km de novas fronteiras além dos conflitos na Catalunha, Escócia etc. Atravessar os mares no século XIX era mais fácil do que atualmente navegar no Mediterrâneo.

A globalização acentuou culturas regionais, ideologias mudaram, novas linguagens surgiram, mas as culturas regionais exigem respaldo às suas tradições. Aí se ligam individualismo e coletivismo, pois estamos falando de culturas milenares – europeias, asiáticas e africanas. Nesse ponto, lembro que ficar isolado pode não ser uma boa ideia, pois o individualismo pode derrubar certas ilusões, talvez as últimas.



ADWA, VITÓRIA AFRICANA

Adoro histórias em quadrinhos. HQs divertem. Mas, de algumas décadas para cá, virou arte séria, sendo rebatizada de graphic novel. Assim, é possível encontrar, inclusive, clássicos da literatura nesse modelo literário, muitas vezes disponibilizadas em belíssimas edições. Mesmo histórias que, supostamente, são voltadas para o público infantil, apresentam metáforas existenciais e frases filosóficas, como se vingar de uma besta irracional é como deixar-se dominar por um cego instinto, extraída de “Moby Dick”, clássico absoluto de Herman Melville. Estão falando da baleia, mas a expressão poderia conter contextos complexos. E quando Queequeg fica doente e chega a “experimentar” um caixão, fica mais eloquente quando sua saúde melhora e até reserva para uma possível salvaguarda. Isso mesmo, um caixão para salvar vidas.

Encontrei numa livraria “Face Oculta”, uma narração da Batalha de Adwa (1935), na qual a Etiópia derrotou os italianos no auge do imperialismo. Fui pesquisar sobre o episódio e encontrei alguns títulos curiosos: “A Derrota Italiana”, “A Derrota do Colonialismo” e assim por diante. Foi difícil encontrar uma matéria que enaltecesse os africanos. É a voz da nossa maldita mídia imperialista. A bela edição é baseada em fatos verídicos, mas sempre com os contornos de frases típicas de uma cultura de massa. Um herói italiano diz que vai protestar contra as péssimas condições dos prisioneiros. Então, invadem e assassinam até mesmo crianças e, após derrotados, solicitam celas com ar-condicionado?

Vejam como tratam os refugiados atualmente que fogem de miséria porque “alguém” foi lá e roubou o que eles tinham. Nos quadrinhos, as crianças sentem medo dos europeus. Mesmo atrás das grades, eles são os brancos que trouxeram a morte. E quando o Papa manda um emissário para negociar a liberdade dos prisioneiros e o guerreiro Minelik pede alguns dias para pensar, o emissário papal fala para si mesmo: que insolentes. Em 1935, a Itália de Mussolini novamente invade a Etiópia, mas em 1942 foram expulsos de lá. Os planos de Mussolini fracassaram e a colonização teve fim. O país africano, um dos berços culturais do planeta, se recusou a ser colonizado. Ainda vemos nos quadrinhos cenas em que o mocinho é o branco, mas no final o reconhecimento do

heroísmo africano vem à tona.

Em “Face Oculta”, a ex-Abissínia revela seu passado, sua rica história, desde 1889, quando Menelik II une o país. Logo depois, Quayro, em 1893, recusou tratados com os italianos e em 1896, quando 18 mil soldados da Itália estavam prontos para massacrar 30 mil homens de um inimigo mal preparado, se surpreenderam com mais de 100 mil etíopes. O massacre mudou de lado. Eles acreditam numa origem do sábio Salomão e talvez aí esteja a natureza de sua sabedoria. É interessante como Menelik não aparece nos livros de história, não é mesmo? Fica a questão outra vez: por que será?



AS SOMBRAS NOIR

Todos ficam maravilhados com as grandes produções do cinema, com sua tecnologia cinco estrelas, suas cores e efeitos fantásticos. São cenas deslumbrantes, de arrepiar os cabelos, causando fascínio enquanto estamos sentados nas superconfortáveis poltronas das salas de cinema. Porém, adoro filmes antigos de John Ford, Hitchcock & cia, filmes em preto e branco, principalmente da fase noir (negro em francês), com as sombras, o estranho suspense com personagens insólitos, um reflexo da desilusão do pós-guerra.

Muitos desses filmes revelam a obscuridade da fase histórica, explorando a dualidades das luzes e sombras, a obscuridade das escadas, cortinas e ambientes escuros, quando o caos da Segunda Guerra Mundial foi inserido na mente das pessoas. Além da característica estranheza dos personagens, eles são interesseiros

e violentos, sempre com a presença da femme fatale representada por lindas e perigosas loiras assassinas.

Filmes como “Impacto” (1949), “Choque” (1946), “Ao Cair da Noite” (1948), “Condicional S. A.” (1948), “Mulher em Fuga” (1949), “A Cidade que Não Dorme” (1951), “A Chama do Pecado” (1947), entre outras dezenas, marcaram uma era diferente da sétima arte. Mas o noir tem mais, como em “O Diabo Ri por Último,”(1953), de John Houston, com Henry Bogart e Gina Lollobrigida. É Suspense com momentos cômicos numa aula de humor negro. O incansável ator Peter Lorre (fez vários filmes com o comediante Jerry Lewis), tem frases filosóficas como – tempo, tempo, o que é o tempo? É fabricado na Suíça, os franceses acumulam, os italianos desperdiçam e para os americanos – tempo é dinheiro. Para os hindus, não existe. Você sabe o que eu acho? Que o tempo é uma trapaça. Sensacional, não é mesmo?

Um dos clássicos, “Loira Tenebrosa” (1948) resume o ciclo. Estão lá a mulher fatal, a obscuridade e os personagens sombrios ao redor da loira de gelo. O apropriado talvez seria: loira diabólica! Assisti mais de 30 filmes para escrever esse texto e voltei no tempo (que é uma trapaça). Lembrei de ter estudado esse ciclo na minha graduação. Um clássico que sempre revejo, tenho o filme numa coleção da Folha de São Paulo, é “O Mundo Odeia-me” (1953), com direção de Ida Lupino, fato raro na época. Ela era atriz de ponta. Dirigiu outros filmes, mas

esse, em minha opinião, revela tudo o que há no noir.

Dois amigos dão carona a um assassino e o drama se estende até a última cena, ao melhor estilo Hitchcock. A claustrofobia do interior do carro prende nossas emoções e a angústia se arrasta na tela. Cenas no deserto revelam a solidão humana, acompanhada das ameaças do criminoso. As sombras do caos da guerra assombram o psíquico daqueles que buscam reconstruir o mundo e “seu” mundo. Muitos estão perdidos e o próximo não significa muita coisa. Dureza. O mundo os odeia e eles odeiam o mundo. Os próprios amigos queriam pescar longe de tudo e de todos. Já nas primeiras cenas, Ida Lupino ressalta o infortúnio deles – dar carona para o bandido mais procurado do país, fato que poderia acontecer com qualquer um de nós. É, a vida tem seus mistérios. Mistérios da meia-noite que seguem nossas sombras existenciais.

Fui conferir outro filme com ela como atriz principal, “Escravo de Si Mesmo” (1952), que só pelo nome vale a pena assistir. Outro grande filme é “Curvas do Destino” (1945), no qual as curvas nos desviam dos nossos objetivos. Aliás, o título original é Detour (desvios), em que surgem os erros de nossas jornadas, aqueles imprevistos cruéis. Um homem pede carona, ele está perdido, amargurado, rancoroso com o mundo. Ainda assim, o jazz surge com Sue, sua amada, uma suavização para os tempos difíceis. Outra cena típica do noir, magnífico

em seu preto e branco, mostra o casal caminhando na neblina durante a madrugada num ambiente enevoado. Há luzes fracas e quando aparecem luzes de néon, parece que as coisas vão melhorar; porém, o noir retira o brilho da esperança. E quando Sue canta com a sombra de três trompetistas (aparecem apenas suas sombras). Nada poderia ser mais noir. Depois de passar por apuros inesperados, o personagem central desabafa consigo mesmo: faça o desvio que for, o destino estica o pé para que tropece. As curvas do destino são mesmo cruéis.

CONVERSANDO COM ELE

Você está sentado na praça, num bar ou descansando em casa. E, de repente, não mais do que de repente, mas assim, de repente mesmo, aparece Jesus para conversar e bater um papo com você. O que você falaria ou pediria? Estou falando sério: vamos imaginar; afinal acreditamos “Nele”, não é mesmo? Vamos imaginar a situação. Eça de Queiroz tem uma passagem em “A Relíquia”, sugerindo a aparição. Seu personagem diz que se sentiu comovido quando seus olhos mortais viram a forma encarnada do Mestre. Pasma, disse — era como se, de repente, me tivessem fugido da memória longos laboriosos séculos de história e de religião; nem pensei que aquele homem seco e moreno fosse o remidor da humanidade... Achei-me inexplicavelmente anterior aos tempos. Que dádiva, um delírio, extremo dos extremos, que céu, que terra... Que tudo.

Vou tentar entrar no sonho. Quem me conhece, sabe da minha paixão por vinhos. Então, com Ele, a mesa já estaria preparada, um banquete. Ele estaria ali, me olhando diretamente nos olhos. Eu não quero gaguejar, mas já gaguejando, digo: oi, tudo bem? Tudo bem? Isso seria o começo de conversa com Ele? Não, poderia ser diferente, vamos lá: daí amigão, como vão as coisas? Piorou. Perguntar isso para Ele? Amigão? Que intimidades são essas. Daqui a pouco vai perguntar se já fez a declaração do Imposto de Renda, se fez declaração de vida. Ele provar que está vivo? Isso só para descrentes e ministérios surreais de Brasília. Enquanto divago, Jesus permanece ali, na minha frente, tranquilo, impassível, cálido, apenas me observando. Sempre imaginei esse momento depois de morto; mas agora, assim, tomando vinho e vivinho com Ele. O que faço? Ai meu Jesus, não, não! Ele já está aqui. Passou um minuto e não falei mais nada. Ele já está impaciente, tem muita gente para atender. Os mais necessitados.

Bom, como me considero humano, demasiadamente humano (hum, citar Nietzsche não parece ser uma boa ideia), mas, seguindo adiante, pediria para acabar com a ignorância humana, eliminando nossos males. Engraçado, qualquer um sonharia com tal momento e eu aqui travado. Tinha tantos pedidos e nenhum me vem à cabeça. Só então percebo que, apesar da macieira pecaminosa da Eva, o mundo Dele é perfeito, quem

estraga somos nós. Mas Jesus segue ali e peço para aparecer mais vezes por aqui, Ele dá uma risadinha e só entendo seu sorriso minutos depois. Continuei refletindo, tentando encontrar algo para pedir. Pedi por um mundo mais igualitário, pois fico indignado com as discrepâncias econômicas; muitos não tem nada, poucos têm muito.

Charles M. Sheldon disse que mendigos não entendem a religiosidade quando entram nas igrejas, pois eles se questionam para os fiéis o que significa Jesus, mas não obtém suas respostas. Jesus com o Espírito Santo disse – quando o Espírito Santo da verdade viver, Ele os guiará a toda a verdade, não falará de si mesmo, falará apenas o que ouvir e lhes anunciará o que está por vir, por isso eu disse que o Espírito receberá do que é meu e o tornará conhecido a vocês (Jo 16.13-15). É o cara. E está aqui na minha frente. Iria me atrever a uma questão, se bem que para Ele não é questão, mas vamos lá, se vou rever aqueles que já partiram, mas acho que a resposta esteja nas Escrituras. Contudo, o diálogo (diálogo?) segue e já não sei mais se é realidade, sonho ou alucinação. Isso não importa.

Quando será que Ele vai voltar, ninguém sabe, nem o filho sabe esse dia e essa hora só o sabe meu Pai celestial (Marcos 3,32). Já se passaram mais de dois mil anos. Ele não tem pressa. Fiquei maravilhado, pois pude perceber que, apesar de certos humanos, tudo vai bem.